

A PARÁBOLA DO SEMEADOR NO EVANGELHO DE MATEUS

Leonardo Godinho Nunes, SALT/IAENE (Brasil)
Mestre em Teologia

RESUMO

A parábola do Semeador – desde a perspectiva da mensagem do Reino de Deus conforme ensinada pelo Evangelho de Mateus, e tendo como pano de fundo a narrativa a respeito da incompreensão do Reino (Mt 11:2 a 12:50) – trata de dois assuntos principais: a compreensão da palavra e dos mistérios do Reino como um requisito básico para se fazer parte do mesmo, e o cumprimento da missão de espalhar a Palavra do Reino como necessário para a Sua efetivação.

ABSTRACT

The parable of the Sower – from the perspective of the message of God's kingdom as taught by the Gospel of Matthew, having as its background the narrative about the Kingdom's misunderstanding (Mat 11:2-12:50). It deals with two main themes: the comprehension of the Kingdom mysteries and word as a basic requirement to be part of it, and the mission accomplishment of spreading the Kingdom's Word as necessary for its fulfillment.

INTRODUÇÃO

O evangelho de Mateus tem suas peculiaridades. Seu objetivo e mensagem influenciam diretamente na maneira de dispor as perícopes do evangelho, bem como na forma de escrever os discursos e ações de Jesus,¹ como bem afirmou Westcott: “As peculiaridades da narrativa de Mateus são numerosas e uniformes em caráter ... nortearam a escolha dos pontos da narrativa [e] influenciaram o modo como foram tratados.”² Por isso, para compreendermos de forma mais profunda o conteúdo da Parábola do Semeador, como visto por Mateus, aborda-

¹ Darrell L. Bock, *Jesus Segundo as Escrituras*, trad. Daniel de Oliveira, (São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2006), 24.

² Brooke Foss Westcott, *An Introduction to the Study of the Gospels* (London: Macmillan, 1895), 328.

remos primeiramente o objetivo e a mensagem do evangelho de Mateus, em seguida veremos o contexto em que aparece a Parábola do Semeador com suas respectivas implicações. Por último, observaremos o texto da Parábola do Semeador e sua relação com o contexto, a mensagem e o objetivo do evangelho.

OBJETIVO DO EVANGELHO DE MATEUS

O Evangelho de Mateus era o “evangelho favorito dos escritores cristãos do II século.”³ Para Wikenhausen “no tempo de Ireneu a Igreja e a literatura cristãs foram influenciadas mais pelo evangelho de Mateus do que por qualquer outro livro do Novo Testamento.”⁴ A igreja cristã do II século utilizou este evangelho para quatro propósitos práticos principais: (1) defender a igreja dos ataques doutrinários tanto de judeus quanto de gentios, (2) instruir o recém-converso em sua nova vida cristã, (3) auxiliar os membros no crescimento da fé e da vida comunitária e (4) como leitura no serviço litúrgico semanal.⁵ Ou seja, o evangelho era utilizado para apologia, manual de instrução e conservação e lecionário do culto. Nenhum desses, porém, seria o objetivo principal que o autor de Mateus teria em mente ao escrever o evangelho.

O objetivo principal do Evangelho de Mateus é mostrar que Jesus é o Messias prometido pelo Antigo Testamento,⁶ “e dessa for-

³ R. V. G. Tasker, *Mateus: Introdução e Comentário*, trad. Odayr Olivetti, 20 vols., Série Cultura Bíblica, vol. 1 (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1980), 13; Leon Morris, *Teologia do Novo Testamento*, trans. Hans Udo Fuchs (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2003), 139.

⁴ A. Wikenhausen, *New Testament Introduction*, trad. Joseph Cunningham (New York, NY: Herder and Herder, 1958), 158.

⁵ C. F. D. Moule, *As Origens do Novo Testamento*, trad. Josué Xavier, 17 vols., Nova Coleção Bíblica, vol. 9 (São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1979), 106, 108; Tasker, 13, 14; Robert H. Gundry, *Panorama do Novo Testamento*, trad. João Marques Bentes, 2ª ed. (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1981), 94; Donald Guthrie, *New Testament Introduction*, 4th rev. ed., The Master Reference Collection (Downers Grove, Ill: Inter-Varsity Press, 1996, c1990), 32-37.

⁶ William Barclay, *Mateo I*, trad. Marcelo Pérez Rivas, 2ª ed., 16 vols., El Nuevo Testamento Comentado, vol. 1 (Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1983), 12, 13; Tasker, 16; Gundry, 93; Broadus David Hale, *Introdução ao Estudo do*

ma Israel deveria aceitá-lo.”⁷ Mateus cita mais de cem vezes os textos do Antigo Testamento,⁸ podendo ser divididos em duas únicas categorias⁹: citações da LXX e citações do hebraico. As citações provenientes da LXX são introduzidas por fórmulas diversas ou encontram-se no curso natural do texto, sem uma introdução especial. Já as citações oriundas do hebraico vêm precedidas pela fórmula “para que se cumprisse o que fora dito”¹⁰ (ἵνα πληρωθῆ τὸ ῥηθέν), aparecendo dezesseis vezes ao longo do evangelho.¹¹ Mateus 1:22 é a primeira vez em que o evangelista usa esta fórmula, e o faz com o intuito de conectar o nascimento de Jesus à predição do nascimento do Messias feita por Isaías (Is 7:14); e a última vez em que a expressão ocorre é em Mateus 27:9, mencionando o preço da traição do Messias, conforme pronunciado pelo profeta Zacarias (Zc 11:12-13) e que se cumpriu na vida de Jesus. Em todo o livro pode-se notar o elo entre as profecias do Antigo Testamento, concernentes ao Messias, cumprindo-se na pessoa de Jesus Cristo, Ele “portanto deve ser o Messias.”¹²

A MENSAGEM DO EVANGELHO DE MATEUS

A fim de que o objetivo de apresentar Jesus como o Messias fosse alcançado de forma plena, o evangelista utiliza o tema do Reino de Deus como a mensagem central do livro,¹³ pois “a impressão es-

Novo Testamento, trad. Cláudio Vital de Souza, 1ª ed. (São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2001), 85.

⁷ David A. Fiensy, *New Testament Introduction*, The College Press NIV Commentary (Joplin, Mo: College Press Pub. Co., 1994), 140.

⁸ Hale, 85.

⁹ Guthrie, 28.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Barclay, 12.

¹² Ibid.

¹³ Donald A. Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, 52 vols., Word Biblical Commentary, vol. 33A (Dallas, TX: Word, Incorporated, 2002), ix; Barclay, 16; John R. W. Stott, *Homens com Uma Mensagem: Introdução ao Novo Testamento e Seus Escritores*, trad. Rubens Castilho (Campinas, SP: Editora Cristã Unida, 1996), 40; Tasker, 15.

pecial que Mateus incorpora é a de realeza. Jesus é o Messias¹⁴ e Rei.¹⁵

Já no primeiro verso do livro o evangelista explicita a idéia de que Jesus é o Messias, através da utilização do nome “Jesus Cristo,”¹⁶ e Rei, ao vinculá-Lo com Davi, através da expressão “filho de Davi.”¹⁷ A fim de que não houvesse dúvidas acerca da realeza de Jesus, o evangelista, no verso 6, afirma por duas vezes que Davi é rei e, após o nome de Davi, há uma extensa menção dos reis de Israel até o cativeiro babilônico (1:6-11), mas apenas Davi é chamado de rei e somente Jesus Cristo é chamado de “filho de Davi” (1:1).¹⁸ A partir daí a expressão “filho de Davi” (υἱοῦ Δαυίδ) é usada ao longo de todo o livro,¹⁹ tanto pelo anjo do Senhor (1:20), quanto por cegos (9:27; 20:30-31), tanto pela multidão (12:23; 21:9), quanto por uma mulher de fora de Israel (15:22) e até mesmo pela boca de meninos (21:15).

A idéia de realeza em Mateus também é encontrada nos eventos finais de Sua vida na Terra.²⁰ Quando o sumo sacerdote O desafia a

¹⁴ A. H. McNeile, *The Gospel According to St. Matthew* (Grand Rapids: Baker, 1915; reprint, 1980), 17.

¹⁵ Tasker, 16; Stott, 36, 40.

¹⁶ A palavra “Cristo” é derivada do latim *Chistus* e do grego *Christos*, que na LXX e no NT é o equivalente grego do aramaico *m^ošihā*, correspondente ao hebraico *māšīah*, e que por sua vez é transliterado para o português “Messias”. Por conseguinte as palavras “Cristo” e “Messias” são correspondentes. Colin Brown e Lothar Coenen ed., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, trad. Gordon Chown, 4 vols., vol. 2 (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989), 488.

¹⁷ John F. Walvoord e Roy B. Zuck, *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, vol. 2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985), 18; Douglas R. A. Hare, *Matthew*, Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching (Louisville, KY: John Knox Press, 1993), 6.

¹⁸ Larry Chouinard, *Matthew*, The College Press NIV Commentary (Joplin, Mo: College Press, 1997), Mt 1:1.

¹⁹ Hagner, 9. Para uma compreensão mais ampla da expressão “Filho de Davi” ver: Craig Blomberg, *Matthew*, 38 vols., The New American Commentary, vol. 22 (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2001, c1992), 27, 28; Hagner, lxi, 9.

²⁰ Blomberg, 403; Ulrich Luz e Helmut Koester, *Matthew 21-28: A Commentary*, ed. Helmut Koester, trad. James E. Crouch, Hermeneia, vol. 3 (Minneapolis, MN: Augsburg Press, 2005), 428-430.

dizer se é ou não “o Cristo, o filho de Deus” (26:63), Jesus quebra o silêncio com uma afirmação: “tu o disseste, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (26:64). “Estes dois títulos ele os reivindica para si e . . . a partir daquele momento seu real poder se mostraria, e atingiria seu clímax quando ele próprio retornasse em glória.”²¹ Depois da ressurreição, nas últimas palavras de Cristo relatadas pelo evangelho de Mateus, no momento em que os Seus discípulos o adoram (28:17), Jesus demonstra que reconhece a Sua plena soberania²² ao dizer: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra” (28:18). “De agora em diante todos os poderes angelicais estão sujeitos a Ele, e sua autoridade [está posta] sobre todas as coisas criadas . . . é com esta nota de majestade que termina o ‘real’ Evangelho de Mateus.”²³ Ao longo de todo o livro, portanto, o evangelista tenta evidenciar que Jesus Cristo é Rei, e como veremos a seguir, é o Rei do reino prometido pelo Antigo Testamento, o qual Ele mesmo veio inaugurar.

O REINO DE DEUS NO AT E NO AMBIENTE PALESTINO-JUDAICO

Para Leonardo Goppelt “em Mateus, e só nele, . . . amiúde é falado do ‘reino dos céus.’”²⁴ O termo reino de Deus, contudo, não era um conceito completamente novo, pois no ambiente palestino-judaico já havia considerações a respeito do tema,²⁵ tanto no Antigo Testamento, quanto nos escritos não-canônicos.

²¹ Tasker, 19.

²² Donald A. Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 14-28*, 52 vols., Word Biblical Commentary, vol. 33B (Dallas, TX: Word, Incorporated, 2002), 886.

²³ Tasker, 20.

²⁴ Leonhard Goppelt, *Teologia do Novo Testamento*, trad. Martin Dreher e Ison Kayser, 3ª ed. (São Paulo, SP: Editora Teológica, 2002), 81. A expressão “Reino dos Céus” (βασιλεία τῶν οὐρανῶν) é usada no evangelho de Mateus (31 vezes ao todo), onde a palavra “Céus” (οὐρανός) é utilizada para substituir a palavra “Deus” (θεός), seguindo o costume hebraico de evitar o uso direto do nome de Deus. “Reino dos Céus” e “Reino de Deus” são, portanto, expressões sinônimas. D. R. W. Wood I e Howard Marshall, *New Bible Dictionary*, 3 ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996, c1982, c1962), 647; Gundry, 95.

²⁵ Goppelt, 81, 82.

No Antigo Testamento não se encontra a fórmula “Reino dos Céus,” e apenas duas vezes aparece a expressão “Reino do Senhor” (1Crônicas 28:5; 2 Crônicas 13:8),²⁶ mas a noção de Deus como Rei é comum no Antigo Testamento,²⁷ expressada através de quatro grupos textuais: (1) nos Salmos de ascensão ao trono (Sl. 47, 93, 96-99), que confessam que “Jeová tornou-se rei” pois escolheu Jerusalém como a Sua cidade e Davi como Rei²⁸ (Sl 89); (2) nas doxologias que exaltam o domínio de Jeová por Seus atos salvíficos na história (ex.: Êxodo 15; Salmos 44, 87, 89, 136) e/ou falam de Deus como criador e mantenedor de suas criaturas (ex.: Salmos 74, 95, 103, 145, 146);²⁹ (3) nas profecias clássicas que anunciam o reino escatológico de Deus (ex.: Isaías 10, 33, 45, 52), Sua soberania não apenas como objeto de louvor, mas como uma realidade histórica final, que trará salvação para o povo eleito até os confins da Terra;³⁰ e (4) na profecia apocalíptica (ex. Isaías 24-26; Daniel 2, 7), onde o reino de Deus é outorgado ao remanescente fiel nos últimos dias³¹ através de acontecimentos cósmicos.³²

Na literatura judaica não-canônica encontramos, também, alusões ao tema do reino de Deus. Na apocalíptica judaica o reino de Deus não é um assunto dominante, mas quando é apresentado tem um enfoque escatológico: Deus destruindo a Satanás, trazendo o castigo sobre os gentios, extinguindo o mundo presente (o primeiro *éon*), e

²⁶ David Noel Freedman, ed., *The Anchor Bible Dictionary* (New York, NY: Doubleday, 1996, c1992), 52.

²⁷ Russel Norman Champlin e João Marques Bentes, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 6 vols., vol. 5 (São Paulo, SP: Editora e Distribuidora Candeia, 1995), 623; Goppelt, 82.

²⁸ Freedman, ed., 52; Goppelt, 82; Champlin e Bentes, 618.

²⁹ Goppelt, 82, 83; Freedman, ed., 52; Champlin e Bentes, 623.

³⁰ Goppelt, 83; Freedman, ed., 52.

³¹ Alan Richardson, *Introdução à Teologia do Novo Testamento*, trad. Jaci Correia Maraschin (São Paulo, SP: ASTE, 1961), 91.

³² Goppelt, 84. Para uma visão mais ampla sobre o Reino de Deus no Antigo Testamento ver: Paul P. Enns, *The Moody Handbook of Theology* (Chicago, Ill: Moody Press, 1997, c1989), 27, 33-37; Eugene H. Merrill, *Daniel as a Contribution to Kingdom Theology*, ed. Stanley D. Toussaint e Charles H. Dyer (Chicago: Moody, 1986), 211.

por fim, estabelecendo o Seu reino (o segundo *éon*) e trazendo a felicidade para Israel.³³

Para o judaísmo farisaico-rabínico o reino de Deus estava associado primeiramente ao recebimento do jugo do reino do céu, ou seja, obediência à Tora, aceitação do monoteísmo e declaração do *Shema*. Em segundo lugar, estava relacionado à vinda do Messias-rei, que libertaria Israel da escravidão dos povos do mundo, através de poderosos sinais cósmicos, instaurando afinal o Seu reino de Paz.³⁴ Como é dito na *Kaddish*, a última oração do culto sinagoga nos tempos de Jesus:³⁵ “possa Ele estabelecer o Seu reino durante a vossa vida e em vossos dias e durante a vida de toda a casa de Israel, rapidamente e em um tempo próximo.”³⁶

Já os essênios, acreditavam que os anjos desceriam para ajudar “os filhos da Luz” (a comunidade de Qumran) na guerra contra “os filhos das trevas” (judeus paginizados e gentios) estabelecendo, então, o reino escatológico.³⁷ O zelotes por sua vez, que também almejavam o estabelecimento do reino, criam que ele viria apenas por meio de ação político-militar, e que lutar contra Roma era lutar a favor do Reino de Deus.³⁸

³³ Richardson, 87; Goppelt, 84; Fiensy, 71; George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, trad. Darcí Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões (São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2001), 59; Freedman, ed., 53; George Eldon Ladd, “The Kingdom of God in the Jewish Apocryphal Literature - Part 1” *Bibliotheca Sacra* 109, no. 433 (1952; c2002): 55-63. Ver também a Parte 2 e 3 do artigo “The Kingdom of God in the Jewish Apocryphal Literature” no Volume 109.

³⁴ Goppelt, 85; Fiensy, 73; Richardson, 88; Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 59, 60; Freedman, ed., 54, 55.

³⁵ Goppelt, 85. Para uma melhor compreensão da liturgia judaica e da *Kaddish* ver: Jacob Neusner, Alan J. Avery-Peck e William Scott Green, ed., *The Encyclopedia of Judaism*, 5 vols., vol. 2 (Brill, Leiden: Koninklijke Brill NV, 2000), 825-827.

³⁶ Freedman, ed., 54.

³⁷ Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 59; Goppelt, 85; David Noel Freedman ed., 54. A fim de conhecer mais acerca dos essênios ver: Don F. Neufeld, ed., *The Seventh-Day Adventist Bible Dictionary*, 12 vols., The Seventh-Day Adventist Bible Commentary, vol. 8 (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1979, 2002); Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics* (Grand Rapids, Mich: Baker Books, 1999), 187-189, 215, 216; Marshall, 339-341; Paul Lagass, ed., *The Columbia Encyclopedia*, 6 ed. (New York; Detroit: Columbia University Press, 2000), Qumran.

³⁸ Richardson, 87; Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 60; Fiensy, 60. Uma maior

Foi nesse contexto ideológico e político que João Batista começa a proclamar³⁹ que “está próximo o Reino dos Céus” (Mt 3:2-11) e apontar para “Aquele que vem depois de mim” (Mt 3:11). A mensagem do Reino proclamada por João fala de um juízo iminente (Mt 3:7),⁴⁰ quando Deus agiria na história de forma categórica. A fim de desviar-se da ira divina, os homens deveriam arrepender-se (μετανοία) e demonstrar tal arrependimento através do batismo e confissão de pecados (Mt 3:6), bem como dos “frutos dignos de arrependimento” (Mt 3:8). Assim sendo, com João Batista inicia-se “o tempo intermediário que forma o prelúdio de uma nova era . . . a irrupção do tempo salvífico.”⁴¹

O Reino de Deus, porém, não é inaugurado por ele, pois o próprio João estava cômico de que sua obra era apontar e preparar o caminho para Aquele que viria depois dele (Mt 3:3),⁴² o qual lhe seria superior (Mt 3:14), bem como traria um batismo superior, não apenas com água, mas com o Espírito Santo e com fogo, possibilitando, assim, um arrependimento efetivo e uma renovação real, cumprindo cabalmente a profecia de Ezequiel 36:25-28 de criar um novo coração, um novo homem e um novo povo de Deus.⁴³ O Batista, portanto, proclama e espera; Jesus o Rei, contudo, é o portador do cumprimento.⁴⁴

JESUS CRISTO E O REINO DE DEUS

Diferentemente das escrituras judaicas não-canônicas, com sua ênfase apocalíptica, catastrófica, legalística, ritualística, terrestre, po-

visão a respeito dos zelotes pode ser obtida em: Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, and Geoffrey William Bromiley, ed., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, Mich: W.B. Eerdmans, 1995, c1985), 297-299; Lagass, ed., *Zealots*; M.G. Easton, *Easton's Bible Dictionary* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1996, c1897), *Zealots*; Freedman, ed., 1045-1054.

³⁹ Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 34.

⁴⁰ Marshall, 647.

⁴¹ Joachim Jeremias, *Teologia do Novo Testamento: A Pregação de Jesus*, trad. João Rezende Costa (São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1977), 78, 79.

⁴² Morris, 141.

⁴³ Goppelt, 76-79; Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 35-38.

⁴⁴ Jeremias, 81.

lítico-militar, exclusivista e final, Jesus Cristo apresenta o Reino de Deus em consonância com o que foi delineado no AT, um reino davídico e histórico (Sl 89, 44 e Mt 1:1), mas também espiritual e interior (Lc 17:21), um reino escatológico e final (Is 33 e Mt 24:29, 30), mas também sem “visível aparência” (Lc 17:20)⁴⁵ e presente agora (Mt 12:28).

Ao Jesus iniciar o Seu ministério (Mt 4:17), a mensagem de Sua proclamação é sobre a proximidade⁴⁶ do Reino e a conseqüente necessidade de arrependimento⁴⁷ por parte daqueles que querem entrar nele. No sermão do monte,⁴⁸ em três ocasiões principais, Cristo fala sobre essa proximidade. Nas bem-aventuranças Ele mostra a disposição divina em *outorgar* o reino para aqueles que já agora são necessitados (Mt 5:3-12);⁴⁹ logo após a abertura da oração do Pai-nos-

⁴⁵ Uma explicação ampla sobre Lucas 17:20-21 e a expressão ἐν τὸς ὑμῶν pode ser encontrada em: Gerald F. Hawthorne, “The Essential Nature of the Kingdom of God,” *Westminster Theological Seminary* 25, no. 1 (1963, c2002): 35-47.

⁴⁶ A locução verbal “está próximo” em Mateus 4:17 é a tradução do vocábulo grego ἤγγικεν (verbo no perfeito do indicativo ativo, 3ª pessoa do singular de ἐγγίζω), que pode ser traduzido como “aproximar” ou “estar à mão”, dando assim uma idéia de proximidade tanto de tempo quanto de espaço, além do que o uso do perfeito denota a idéia de algo que já começou e ainda continua. As versões e traduções em Português trazem tanto “é chegado” quanto “está próximo” (NVI, BJ, RA, DO, RC, TB); já a maioria das traduções e versões inglesas traduzem por “is at hand” (ASV, AV, KJ21, NKJV, RSV). A. T. Robertson faz uso da locução “está à mão”, ou seja, algo “tão próximo que alguém poderia provar e ver-lhe os sinais”. Archibald Thomas Robertson, *The Gospel According to Matthew and Mark*, 6 vols., Word Pictures in the New Testament, vol. 1 (Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1930), 24, 35; Mário Veloso, *Mateus*, trans. Ranieri Sales, Comentário Bíblico Homilético (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 71. Michael S. Bushell, Michael D. Tan e Glenn L. Weaver, Bibleworks Ver. 7.0.012g (Norfolk, VA BibleWorks, LLC).

⁴⁷ Sobre a relação entre o arrependimento e o reino ver: S. Lewis Johnson Jr., “The Massage of John the Baptist,” *Bibliotheca Sacra* 113, no. 449 (1956, 2002): 30-36.

⁴⁸ A revista *Review and Expositor Volume 89* traz artigos esclarecedores à respeito do Sermão da Montanha. “Review and Expositor,” *Review and Expositor* 89, no. 2 (1992, 2004): 161-278

⁴⁹ Goppelt, 101-103; Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 69-70; Bock, 119-120; Matthew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible: Complete and Unabridged in One Volume* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1996, c1991), Mt 5:3.

so (Mt 6:9-13) Ele exorta⁵⁰ que é preciso *pedir* pela vinda do reino sobre nós agora, sendo este o pedido de bênção que antecede a todos os demais;⁵¹ Cristo ensina, também, que a *busca* pelo Reino de Deus deve ser a primeira e mais importante ocupação da vida e que, da mesma forma que no Pai-nosso, todas as outras bênçãos cotidianas vêm em sua esteira (Mt 6:33).⁵² Enquanto que para os escritos não-canônicos a vinda do reino seria a consumação final de tudo, para Jesus a inauguração do Reino é o sinal que antecede a todas as coisas.

A vinda presente do Reino de Deus pode ser percebida em pelo menos quatro afirmações. Logo após expulsar o demônio de um homem cego e mudo, Jesus afirma que (1) “se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado⁵³ o reino de Deus sobre vós” (Mt 12:28), mostrando que o fato de Satanás ter sido expulso do seu reino (Mt 12:26) era a prova de que o Reino de Deus havia chegado,⁵⁴ pois quando um governo é posto em derrocada é porque um domínio superior acabou de se estabelecer (Mt 12:29).

⁵⁰ Em Mateus 6:9 o verbo προσεύχομαι (orar) está no modo imperativo (προσεύχεσθε), trazendo dessa forma a idéia de “devem orar”. Bíblia Online Ver. 3.0 (Winterbourne, Ontário: Sociedade Bíblica do Brasil).

⁵¹ E. E. Thornton afirma que “assim como ‘venha o teu reino’ flui espontaneamente da identidade daquele que está em relacionamento com o ‘Pai nosso,’ da mesma forma os temas ‘dá-nos’... ‘perdoa-nos’ e ‘livra-nos’ fluem necessariamente de ‘venha o teu reino.’” Edward E. Thornton, “‘Lord, Teach Us to Pray,’” *Review and Expositor* 76, no. 2 (1979): 232.

⁵² Uma explanação mais ampla sobre esse ponto pode ser obtida em: Hans Dieter Betz, *The Sermon on the Mount: A Commentary on the Sermon on the Mount, Including the Sermon on the Plain (Matthew 5:3-7:27 and Luke 6:20-49)*, ed. Adela Yarbro Collins, Hermeneia - a Critical and Historical Commentary on the Bible (Minneapolis, MN: Fortress Press, 1995), 481-484.

⁵³ A locução verbal “é chegado” é uma tradução de ἐφθάσεν – verbo no aoristo do indicativo ativo, 3ª pessoa singular de φθάνω – que possui o seguinte espectro de significado: vir antes de, preceder, antecipar, vir a, chegar, alcançar. Tendo em vista tanto o espectro de significado quanto o tempo aoristo (ação pontiliar) na voz ativa, φθάνω poderia ser traduzido como “chegou”, “já chegou”. James Strong, *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, 2005), G5348; Kittel, Friedrich, e Bromiley, ed., 1258-1259; James Swanson, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Greek* (Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997), DBLG 5777.

⁵⁴ Dan G. McCartney, “Ecce Homo: The Coming of the Kingdom as the Restoration of Human Vicegerency,” *Westminster Theological Journal* 56, no. 2 (1994, 2002): 9-10; Bruce A. Baker, “Progressive Dispensationalism & Cessationism: Why They

“Os exorcismos nos evangelhos, então, acontecem como demonstrações da inauguração do Reino de Deus.”⁵⁵

As outras três declarações vêm em resposta à pergunta de João, “És tu aquele que estava para vir ou devemos de esperar outro?” (Mt 11:3); ao que Cristo responde, (2) “os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados” (Mt 11:5a), citando Isaías 35, onde é abordado o tema do reino escatológico de Deus, ou seja, para Jesus a prova de que o Messias Rei havia chegado era que os milagres do Reino, prometidos pelo AT, eram realizados por Ele;⁵⁶ Cristo continua dizendo em Mateus 11:5b que (3) “aos pobres está sendo pregado o evangelho”, citando Isaías 61:1, que faz parte da porção que diz respeito a restauração final de Sião;⁵⁷ portanto, para Jesus a pregação do Evangelho, que em Isaías 61 era uma das características do renascimento de Jerusalém e da chegada do rei,⁵⁸ estava atestando não apenas a Sua

Are Incompatible,” *Journal of Ministry and Theology* 8, no. 1 (2004, 2005): 70-73; Bock, 17, 244-245; Gundry, 157-158; Tasker, 102; Robert L. Thomas, *Os Evangelhos e a Vida de Cristo em Tabelas e Gráficos*, trad. Solano Portela, 1ª ed. (São Paulo, SP: Editora Vida, 2003), 102; Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 63; Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, 343-344; G.H. Twelftree, *Jesus the Exorcist* (Peabody, MT: Hendrickson Publishers, 1993), 173.

⁵⁵ Tim Meadowcroft, “Sovereign God or Paranoid Universe? The Lord of Hosts Is His Name,” *Evangelical Review of Theology* 27, no. 2 (2003): kingdom.

⁵⁶ Para M. R. Saucy, porém, “a presença do reino nos milagres de Jesus era a presença do poder do reino escatológico, e não tecnicamente a presença do próprio reino”, Mark R. Saucy, “Miracles and Jesus’ Proclamation of the Kingdom of God,” *Bibliotheca Sacra* 153, no. 611 (1996, 2002): 304. Essa idéia, no entanto, é refutada por Raymond Brown, *The Gospel Miracles*, ed. John L. McKenzie, *The Bible in Current Catholic Thought* (New York, NY: Herder and Herder, 1962), 187; Baker: 66-70; Rudolf Schnackenburg, *God’s Rule and Kingdom* (New York, NY: Herder and Herder, 1963), 127; H. Van Der Loos, *The Miracles of Jesus* (Leiden: E. J. Brill, 1965), 250-251; G. R. Beasley-Murray, *Jesus and the Kingdom of God* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1986), 80-83; O. Betz e Werner Grimm, *Wesen und Wirklichkeit der Wunder Jesu* (Frankfurt: Peter Lang, 1977), 30-31.

⁵⁷ J. Ridderbos, *Isaías: Introdução e Comentário*, trad. Adiel Almeida de Oliveira, 28 vols., Série Cultura Bíblica, vol. 17 (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova and Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1986), 49.

⁵⁸ John D. W. Watts, *Word Biblical Commentary: Isaiah 34-66*, 52 vols., *Word Biblical Commentary*, vol. 25 (Dallas, TX: Word, Incorporated, 2002), 302, 305; Ridderbos, 487-489. Esta visão de Isaías 61:1 pode ser obtida devido à relação

messianidade, mas também a inauguração do Reino de Deus.⁵⁹

Mateus 11:6 diz que (4) “bem-aventurado é aquele que não achar *em mim* motivo de tropeço.” Jesus aqui está declarando que a prova final da vinda do Messias Rei e, por conseguinte, do Reino de Deus, não reside apenas nos Seus atos (milagres) ou ensino (pregação do evangelho), mas em última instância, em Sua própria pessoa. Para Jesus Ele era o Cristo e o Reino.⁶⁰

Assim sendo, de acordo com o ensino do Evangelho de Mateus, o Reino de Deus é uma realidade presente, inaugurado por Jesus Cristo, e outorgado àqueles que O pedem e O buscam, colocando assim, já agora, o homem em um novo relacionamento com Deus.⁶¹

Se por um lado Jesus articula sobre a vinda presente do Reino de Deus, por outro lado demonstra que a vinda futura, escatológica e final do Reino também é um fato. Após responder a pergunta dos discípulos quanto ao tempo em que ocorreria a queda de Jerusalém, e aos sinais da 2ª vinda e da consumação dos séculos (Mt 24:1-31), Jesus Cristo se ocupa em alertá-los em relação à preparação pessoal para esses eventos (Mt 24:32-25:46); e ao iniciar o relato da parábola das 10 virgens, diz: “Então, o reino dos céus *será semelhante*⁶² ...”

existente com o capítulo 60, conforme Francis D. Nichol, ed., *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, 12 vols., vol. 4 (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1978, 2002), 316-317.

⁵⁹ Werner Grimm, *Weil Ich Dich Liebe. Die Verkündigung Jesu und Deuterocesaja* (Frankfurt: Peter Lang, 1976), 129; Hare, 121; Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, 300-301.

⁶⁰ Goppelt, 93; Marshall, 648; Gösta Lundström diz que “ele [o reino] é o reino de Deus, enquanto concentrado no Rei, que é um com o reino.” Gösta Lundström, *The Kingdom of God in the Teaching of Jesus*, trad. Joan Bulman (Richmond: John Knox Press, 1963).

⁶¹ Uma visão completa a respeito de Mateus 11:2-5 e o reino presente e futuro, pode ser obtida em Ellen Gould White, *The Desire of Ages* (Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1898, 2002), 213-235, de onde destacamos esta citação: “The works of Christ not only declared Him to be the Messiah, but showed in what manner His kingdom was to be established ... As the message of Christ’s first advent announced the kingdom of His grace [reino presente], so the message of His second advent announces the kingdom of His glory [reino futuro]. And the second message, like the first, is based on the prophecies” (217, 234).

⁶² A locução “será semelhante” é a tradução de ὁμοιωθήσεται (verbo no futuro do

(Mt 25:1). Posto que em todos os outros relatos Cristo inicia a narrativa das parábolas com a expressão “O reino dos céus é *semelhante...*” (Mt 13:24, 31, 33, 44, 45, 47, 52; 18:23; 20:1; 22:2), pode-se inferir que Cristo está fazendo aqui (Mt 25:1) alusão a um reino futuro, estabelecido por ocasião da Segunda Vinda, bem como a uma preparação para a entrada futura nesse reino.⁶³ É importante notar, também, que todo o relato dos capítulos 24 e 25 de Mateus é ladeado por acontecimentos cósmicos, catastróficos, universais e escatológicos, terminando com a cena do juízo final, onde os salvos afinal tomam posse do reino (Mt 25:34), ligando-os assim com as narrativas do AT que dizem respeito ao Dia do Senhor e ao estabelecimento escatológico do Reino de Deus (Is 2:12; 13:6, 9; Jr 25:31; 30:7; 46:10; Ez 13:5; 30:2, 3; 48:35; Jl 1:15; 2:1, 11, 31; 3:14; Am 5:18, 20; Ob 1:15; Sf 1:7, 14, 15; Ag 2:15; Zc 14:1; Ml 4:5).

Outra menção do Evangelho de Mateus ao Reino de Deus futuro, encontra-se no relato da Ceia do Senhor (Mt 26:26-20). Mateus 26:29 versa: “E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, *até aquele dia* em que o hei de beber, novo, convosco *no reino de meu Pai*.”⁶⁴ Essa mesma narrativa quando comparada com a sua correspondente em 1 Coríntios (1Co 11:24-26), traz no verso 26 o seguinte: “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciáis a morte do Senhor, *até que ele venha*.” De acordo com o princípio *tota scriptura* a expressão “até aquele dia ... no reino de meu pai” seria, então, uma referência ao momento do retorno de Jesus a essa terra, quando os Seus discípulos iriam cear novamente com Ele no Reino de Deus.⁶⁵ Pode-se notar, indicativo passivo 3ª pessoa do singular de ὁμολόω), indicando que o cumprimento da parábola estava no futuro.

⁶³ Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 14-28*, 727-730; C. Blomberg, *Interpreting the Parables* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1990), 194; Joachim Jeremias, *As Parábolas de Jesus*, trad. João Rezende Costa, 17 vols., Nova Coleção Bíblica, vol. 1 (São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1980), 49, 174-176; Chouinard, Mt 25:1-13; William Barclay, *Mateo II*, trad. Maria Teresa La Valle, 16 vols., El Nuevo Testamento Comentado, vol. 2 (Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1983), 324-327.

⁶⁴ A expressão “reino de meu Pai” em Mateus (26:29) tem em Marcos (14:25) a expressão correlata “reino de Deus”. As frases “Reino de meu Pai” e “reino de Deus” são, portanto, sinônimas.

⁶⁵ O SDABC comentando Mateus 26:29 diz: “O beber do cálice da comunhão era

portanto, que para Jesus Cristo o Reino de Deus também é futuro, escatológico e final.

Assim sendo, é à luz da mensagem do Messias Rei e do Seu Reino presente – onde hoje já podemos experimentar as bênçãos salvíficas da presença de Cristo, em Cristo – e futuro – onde afinal viveremos nas bênçãos preparadas por Cristo, com Cristo – que a Parábola do Semeador deve ser analisada.

Como foi visto, o Reino de Deus é a mensagem que perpassa todo o livro, e como observaremos a seguir, também é o tema que auxilia na organização do material utilizado na composição do Evangelho de Mateus, bem como designa o contexto em que a Parábola do Semeador se encontra.

A ESTRUTURA DE MATEUS E O CONTEXTO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR

O Evangelho de Mateus tem em sua estrutura cinco discursos de Jesus a respeito do Reino, e todos eles terminam com a fórmula *Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς τοὺς λόγους τούτους* (“quando Jesus acabou de proferir estas palavras” Mt 7:28; 11:1; 13:52; 19:1; 26:1).⁶⁶ Cada discurso vem precedido de uma narrativa, que descreve vários atos de Jesus, e serve como pano de fundo para os discursos.⁶⁷ Temos, portanto, uma organização de alternância narrativa/discurso para a macroestrutura de Mateus, mas esta ordem também está presente nos detalhes do evangelho. Como exemplo disso, quando Jesus responde à pergunta de João a respeito de Sua messianidade (Mt 11:2-5), a explicação vem em forma de alternância narrativa/discurso, ou seja, no verso 4 Jesus diz “anunciai o que estais ouvindo e vendo” e no verso 5 há a ordem *milagres/pregação*.⁶⁸

‘anunciar a morte do Senhor até que ele venha’ (1 Cor. 11:26) ... o serviço de comunhão foi designado para manter a esperança da segunda vinda de Cristo vívida na mente dos discípulos” Francis D. Nichol ed., *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, 12 vols., vol. 5 (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1978, 2002), 523; White comenta que “o serviço de comunhão aponta para a segunda vinda de Cristo.” White, 659.

⁶⁶ Gundry, 93; Morris, 137; Stott, 31; Barclay, *Mateo I*, 15; Hale, 91; Fiensy, 140-141; Hare, 2.

⁶⁷ Guthrie, 39-41; Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, li

⁶⁸ Hare, 121; Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, 300-301.

Logo, essa seria a forma que o evangelista estrutura o seu livro.

Para B. D. Hale a macroestrutura de Mateus é composta por cinco blocos, como se segue:⁶⁹

I – O Reino: Sua Natureza e Características (4:12-7:28)

1. Narrativa Introdutória (4:12-15)
2. Discurso: O Sermão da Montanha (5:1-7:28)

II – A Apresentação e Propagação do Reino (8:1-11:1)

1. Narrativa Introdutória (8:1-9:34)
2. Discurso: Missões (9:35-11:1)

III – A Inauguração do Reino (11:2-13:53)

1. Narrativa Introdutória (11:2-12:50)
2. Discurso: As Parábolas Acerca do Reino (13:1-53)

IV – A Relação de Jesus Para com o Reino (13:54-19:1)

1. Narrativa Introdutória (13:54-17:21)
2. Discurso: O Espírito Interno do Reino (17:22-19:1)

V – A Última Apresentação Formal do Reino à Nação Judaica (19:2-26:1)

1. Narrativa Introdutória (19:2-23:39)
2. Discurso: Escatologia (24:1-26:1)

A estrutura e a nomenclatura desses cinco grandes blocos e seus respectivos discursos difere entre os eruditos.⁷⁰ Por exemplo, para

⁶⁹ Hale, 92. Nessa apresentação, porém, há uma minimização tanto da encarnação e infância, quanto do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus.

⁷⁰ Existem pelo menos três hipóteses principais para o arranjo da macroestrutura de Mateus: (1) Os cinco discursos como os únicos pilares para a organização do evangelho [B.W. Bacon, *Studies in Matthew* (New York, NY: Henry Holt, 1930), 80–82, via um elo entre os cinco discursos de Mateus e o Pentateuco, e dessa forma Jesus seria, para ele, um novo Moisés]; (2) os dois momentos pivotais iniciados com a cláusula ἀπὸ τότε ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς (“Daí por diante, passou Jesus...” Mt 4:17; 16:20), que dividem o evangelho em três partes: a pessoa, a proclamação e o sofrimento, morte e ressurreição do Messias [D. R. Bauer, *The Structure of Matthew's*

Barclay seria (1) a Lei do Reino (Mt 5-7), (2) os deveres dos dirigentes do Reino (Mt 10), (3) as parábolas do Reino (Mt 13), (4) grandeza e perdão no Reino (Mt 18) e (5) a vinda do Rei (24, 25).⁷¹ A estrutura organizada na forma de alternância entre a narrativa/discurso, com cinco grandes discursos de Cristo sobre o reino, contudo, seria o arcabouço escolhido pelo evangelista para abordar o tema do Reino de Deus e mostrar que Cristo é o Messias.

A Parábola do Semeador faz parte do terceiro discurso, que é precedido pela narrativa que se inicia em Mateus 11:2 e vai até 12:50. Nessa narrativa há um tema recorrente, que pode ser percebido claramente já em Mateus 11:2: a incompreensão a respeito de Jesus como o Cristo, e do Seu Reino.⁷²

João tem dúvidas quanto a ser Ele o Messias: “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Mt. 11:3); os fariseus em várias ocasiões põem em xeque o Seu messiado, acusando-O até mesmo de ter pacto com “Belzebu, maioral dos demônios” (Mt 12:24); a multidão também não compreendia bem a natureza do Reino, porque ao ver um milagre de exorcismo, ainda em dúvida e espanto, exclama: “É este, porventura, o Filho de Davi?” (Mt 12:23); e a própria família de Jesus O procurava para prendê-Lo e assim impedir Sua missão (Mt 12:46-50; cf. Mr 3:21). A resposta de Jesus vem (da mesma forma como está estruturado o evangelho) através de Seus atos e discurso: atitudes imediatas às indagações e o discurso das pa-

Gospel (Sheffield: Almond, 1989)]; e (3) a estrutura quiástica de Mateus [C. H. Lohr, “Oral Techniques in the Gospel of Matthew,” *Catholic Biblical Quarterly* 23 (1961): 403-435]. A alternância entre narrativa/discurso, todavia, está presente em quase todas as hipóteses (Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, 1-1iii); para uma possível conciliação entre as hipóteses ver: Blomberg, *Matthew*, 22-25; uma extensa abordagem sobre a estrutura de Mateus pode ser encontrada em W. D. Davies e Dale C. Allison, Jr., *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, ed. J. A. Emerton, C.E.B. Cranfield, and G.N. Stanton, 3 vols., *The International Critical Commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testaments*, vol. 1 (Edimburg: T&T Clark Ltd, 1998), 58-72.

⁷¹ Barclay, *Mateo I*, 15.

⁷² Tasker, 87-90; Jeremias, *As Parábolas de Jesus*, 153; Mike Stallard, “Hermeneutics and Matthew 13 Part I,” *Conservative Theological Journal* 5, no. 15 (2001, 2003): 147-150.

rábolas do Reino de Mateus 13, onde Ele dá a “conhecer os mistérios⁷³ do reino dos céus” (Mt 13:11).

Esse discurso explicativo é composto por sete parábolas (do semeador, do trigo e joio, do grão de mostarda, do fermento, do tesouro escondido, da pérola e da rede) que revelam aspectos cruciais acerca do Reino de Deus.⁷⁴ Todas as parábolas começam com a frase ὁμοία ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν (“O reino dos céus é semelhante a...,” Mt 13:24, 31, 33, 44, 45, 47, 52), a não ser a primeira parábola, a Parábola do Semeador, que veremos a seguir.

O TEXTO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR

Na Parábola do Semeador, dois principais temas são abordados, o conhecimento dos mistérios do Reino e a missão do Reino. Como diz White: “Pela parábola do semeador, ilustra Cristo as coisas do reino dos Céus e a obra do Grande Lavrador.”⁷⁵ É a respeito desses dois assuntos e nessa mesma seqüência que o texto da parábola será abordado, tendo em vista que a Parábola do Semeador está dividida em três partes:⁷⁶ (1) o relato da parábola em si (Mt 13:3-9), (2) a discussão a respeito do porquê Jesus fala em parábolas (Mt 13:10-17) e (3) a interpretação da parábola (Mt 13:18-23).

⁷³ Na Bíblia, mistério é o conceito de que Deus revela Seus segredos ao homem que está acessível a ouvi-lo (Dn 2:19, 27, 28, 30, 47). Para uma compreensão ampla sobre o tema “mistério,” ver: Marshall, 794-795; Kittel, Friedrich, e Bromiley, ed., 615-619; Gene R. Smillie, “Ephesians 6:19–20 a Mystery for the Sake of Which the Apostle Is an Ambassador in Chains,” *Trinity Journal* 18, no. 2 (1997): 199-222; Andreas J. Kostenberger, “The Mystery of Christ and the Church: Head e Body, “One Flesh,”” *Trinity Journal* 12, no. 1 (1991): 79-94; Raymond E. Brown, *The Semitic Background of the Term “Mystery” in the New Testament* (Philadelphia, PA: Fortress Press, 1968), 1-30; Charles C. Ryrie, “The Mystery in Ephesians 3,” *Bibliotheca Sacra* 123, no. 489 (1966): 24-31; Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 89-90; Francis D. Nichol ed., 405.

⁷⁴ Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 87-98.

⁷⁵ Ellen Gould White, *Parábolas de Jesus*, trad. Siegfried Julio Schwantes, 6ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1980), 33.

⁷⁶ W. D. Davies e Dale C. Allison, Jr., *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, ed. J. A. Emerton; C.E.B. Cranfield and G.N. Stanton, 3 vols., *The International Critical Commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testaments*, vol. 2 (Edimburg: T&T Clark Ltd, 1998), 370-373.

CONHECER OS MISTÉRIOS DO REINO

Embora a Parábola do Semeador não comece com a expressão ὁμοία ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν, foi em ligação imediata a essa parábola que Jesus afirmou aos discípulos: “porque a vós outros é dado a conhecer⁷⁷ [γινῶναι] os mistérios do reino dos céus” (Mt 13:11). A Parábola do Semeador, portanto, tem a intenção de fazer com que os discípulos γινῶναι τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν.

Essa intenção de Cristo, a respeito do conhecer (γινώσκω), coadunava-se tanto com o ambiente palestino-judaico histórico, teológico e político, quanto com o contexto imediato vivenciado por Jesus. Diante da ampla incompreensão a respeito do Reino de Deus por parte dos textos apocalípticos judaicos, da literatura rabínica e essênica e da atitude dos zelotes, bem como da dúvida de João Batista, das falsas acusações dos fariseus e da falta de percepção da multidão e da família de Jesus, fazia-se necessário que ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν fosse compreendido de acordo com o que fora dito pelo AT e pelo ensino do próprio Messias. Por isso, o ato de conhecer está marcadamente presente em toda a extensão da Parábola do Semeador.

Quatro verbos principais são amplamente usados por Jesus, e juntos tornam possível esse conhecer (γινώσκω). O primeiro é (1) βλέπω que de maneira geral, significa “olhar,” a capacidade de ver

⁷⁷ A palavra “conhecer” é a tradução do vocábulo grego γινῶναι que está na forma do aoristo do infinitivo ativo de γινώσκω, que pelo seu espectro de significado também pode expressar “aprender,” “averiguar,” “descobrir,” “entender,” “compreender,” “perceber,” “reconhecer,” entre outros. Joseph Henry Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House), 117-118. γινώσκω na filosofia grega era considerado a “visão da alma,” não os fenômenos terrestres efêmeros e mutáveis, mas a “visão” permanente e “real,” a natureza metafísica e imutável das coisas. No pensamento hebraico γινώσκω é algo que surge continuamente de um encontro pessoal, e está relacionado à revelação divina e leva o indivíduo à obediência. Conhecer a Deus significa entrar no relacionamento pessoal que Ele mesmo possibilita. Colin Brown e Lothar Coenen, ed., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, trad. Gordon Chown, 1ª ed., 4 vols., vol. 1 (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989), 473-476; Kittel, Friedrich, e Bromiley, ed., 119.

como um dos sentidos físicos.⁷⁸ Jesus usa βλέπω em Mateus 13 (6 vezes em 4 versos) tanto no sentido de “ver,” “olhar” (v. 13 βλέποντες, v. 14, 17) como no de “perceber” (v. 13 βλέπουσιν, v. 16). Intimamente relacionado com βλέπω, e fazendo par com ele, está o verbo (2) ὁράω, que tem como significado geral “ver,” “perceber,” ter uma “visão espiritual” ou “intelectual,” “contemplar.”⁷⁹ Jesus menciona ὁράω 4 vezes em 3 versos, denotando “compreender” (v. 14), “ver,” “perceber” (v. 15, v. 17 εἶδαν) e “contemplar” (v. 17 ἰδεῖν). Quando esses dois verbos são considerados, não como palavras soltas, mas dentro do curso natural do texto e conectados um ao outro, pode-se notar que para Jesus todas as atitudes, desde um simples βλέπω (olhar) até ὁράω (contemplação), são necessárias para plenamente se γνῶναι τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν.

Combinando com a macroestrutura de Mateus, na sua forma de narrativa/discurso e ver/ouvir, juntamente com a dupla de verbos βλέπω/ὁράω encontra-se o verbo (3) ἀκούω, que aparece 15 vezes em 11 versos. ἀκούω significa literalmente ouvir ou escutar,⁸⁰ e em Mateus 13 tem o sentido de “entender” (v. 9, 13 ἀκούουσιν), “escutar” (v. 13 ἀκούοντες, 14-15), “compreender” (v.16), “prestar atenção” (v. 18), e “ouvir” como algo mais significativo do que o simples escutar (v. 17, 19-20, 22-23).

⁷⁸ Colin Brown e Lothar Coenen, ed., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, trad. Gordon Chown, 1ª ed., 4 vols., vol. 4 (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989), 702; Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey William Bromiley, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 5 (Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 1995, c1985), 315.

⁷⁹ Wiliam Carey Taylor, *Dicionário do Novo Testamento Grego*, 4ª ed. (Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1965), 152; Colin Brown e Lothar Coenen ed., 698-705; Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida ed., *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*, 2 ed., 2 vols., vol. 1 (New York: United Bible Societies, 1988, 1989), 276, 354, 380.

⁸⁰ F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, trad. Julio P. T. Zabatiero, 1ª ed. (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993), 14; Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida, ed., 281, 282. Para poder observar diversas nuances em que ἀκούω aparece, tanto no grego clássico, como na LXX e no NT ver: Colin Brown e Lothar Coenen, ed., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, trad. Gordon Chown, 1ª ed., 4 vols., vol. 3 (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989), 362-369.

O único dos quatro verbos que aparece nas três partes da parábola é ἀκούω, e com um papel preponderante. Jesus, após contar a parábola, termina com uma expressão de exortação enfática (v. 9), ὁ ἔχων ὦτα ἀκουέτω⁸¹ (o que tem ouvidos ouça), conclamando todos a que não apenas ouvissem a história, mas a que entendessem o seu significado. Na segunda parte, Cristo chama de μακάριοι (bem-aventurados) os que βλέπουσιν (vêem) e ἀκούουσιν (ouvem, compreendem) a respeito dos τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν (mistérios do Reino dos Céus). E na explicação da parábola, cada tipo de pessoa, representado por cada tipo de solo, ὁ τὸν λόγον ἀκούων (“ouve a palavra,” v. 19, 20, 22, 23), independentemente de sua aceitação ou não da palavra. Por analogia, o ato do semeador em semear, compara-se ao ato de proclamar a Palavra do Reino de Deus para que esta seja ouvida por todos, mesmo sabendo-se de antemão que a mesma será aceita por uns e rejeitada por muitos. Todos, porém, devem ouvi-la.

A fim de se conhecer os mistérios do Reino dos Céus, contudo, ouvir apenas não é o bastante. Por isso, intimamente relacionado, e também fazendo par com ἀκούω está o verbo (4) συνίημι, que aparece 5 vezes em 5 versos (v. 13-15, 19, 23). συνίημι tem, de maneira geral, os seguintes significados: “perceber,” “notar,” “discernir,” “examinar,” “entender” e “compreender.”⁸² Nesse vocábulo está subentendido uma progressão no conhecimento: primeiramente a percepção, depois tomar nota, examinar, para então poder chegar a plena compreensão.⁸³ Na Parábola do Semeador o verbo συνίημι é usado tanto no sentido de “entender/compreender” (v. 13, 14, 19, 23), como no de “apreender” (v. 15).

⁸¹ ἀκουέτω está no presente do imperativo ativo de ἀκούω. O imperativo no grego tem, na maioria das vezes, a conotação de uma ordem, mas pode expressar também uma exortação ou mesmo uma súplica. Lourenço Stelio Rega e Joahannes Bergmann, *Noções do Grego Bíblico: Gramática Fundamental* (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2004), 267-276. William Carey Taylor, *Introdução Ao Estudo do Novo Testamento Grego*, 3ª ed. (Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1966), 142-144.

⁸² Elsa Tamez L. e Irene W. de Foulkes, *Diccionario Conciso Griego-Español Del Nuevo Testamento* (Nördlingen: C. H. Beck, 1978), 173; Thayer, 605; Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, e Geoffrey William Bromiley, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 7 (Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 1995, c1985), 888; Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida ed., 379, 382.

⁸³ Colin Brown e Lothar Coenen, ed., 34.

No contexto da Parábola do Semeador, dentre os quatro verbos principais, este é o mais significativo. Na LXX συνίημι pode significar “conhecer,” “entender,” “discernir,” entre outros. O objeto desse conhecer é o fato de que Deus é Deus (Jr 9:23-24), e o “temor do Senhor,” a “justiça e retidão” e o “bem e o mal” são objetos desse discernir (Pv 2:5, 9; 1Rs 3:9). O ato de discernir (συνίημι) está associado a atividade revelatória de Deus, e só pode ser adquirido como dádiva de Deus, que Ele outorga em resposta ao pedido do homem (1Rs 3:9; Dn 2:21).⁸⁴

No NT, e de forma especial em Mateus 13, o vocábulo συνίημι teria seu significado derivado do AT. Das 26 vezes em que o verbo συνίημι é usado no NT, 13 estão relacionadas diretamente a passagens do AT, sendo que 7 vezes são citações diretas de Isaías 6:9-10.⁸⁵ Das 9 vezes em que aparece em todo o Evangelho de Mateus, 6 vezes συνίημι está presente em Mateus 13,⁸⁶ sendo que as primeiras três aparições estão em Mateus 13:13-15 (que é uma citação de Isaías 6:9-10, extraída quase que completamente da LXX),⁸⁷ e as três últimas (v. 19, 23, 51) estão intimamente ligadas as anteriores. Dessa forma, na Parábola do Semeador, o verbo συνίημι traz a idéia do “discernimento” associado à revelação divina, concedido por Deus como um dom àqueles que o buscam.

Dentro desse contexto, e tendo em vista o fato de que todos ouvem e apenas um grupo de pessoas realmente compreende a palavra do reino, pode-se inferir que a falta de compreensão por parte do homem, não se dá pela ausência de revelação – se todos ouvem é porque Deus fala – nem por arbitrariedade divina, mas em que os mistérios do reino dos céus só podem ser compreendidos por aqueles que buscam e pedem esse dom a Deus. Como exemplo, em Mateus 13:10, após a exortação enfática a que todos entendessem a parábola, “se aproximaram os discípulos e perguntaram” e logo em seguida Jesus afirma que ὑμῖν δέδοται γνῶναι τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν (“a vós outros é dado a conhecer os mistérios do

⁸⁴ Ibid., 35; Kittel, Friedrich, e Bromiley, ed., 1119.

⁸⁵ Robert Young, *Analytical Concordance to the Bible* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1984), 1014.

⁸⁶ Michael S. Bushell, Bible Works 7.0.

⁸⁷ Davies e Allison, Jr., 394.

reino dos céus,” v. 11) ; no verso 18 Cristo cumpre sua promessa ao dizer: ὑμεῖς οὖν ἀκούσατε τὴν παραβολὴν τοῦ σπείραντος (Atendei vós, pois, à parábola do sementeiro), chamando-lhes novamente à atenção, e então começa a explicar os mistérios do Reino (v. 19-23). Por fim, após contar as sete parábolas do Reino, Ele novamente usa a palavra συνίημι dizendo: Συνήκατε ταῦτα πάντα; (entendestes todas estas coisas?), mostrando o Seu anseio em que os discípulos compreendessem τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν, ao que os eles responderam ναί (sim).

É importante ressaltar também, que na Parábola do Sementeiro, toda vez que συνίημι é usado, está ligado ao verbo ἀκούω. Há aqui uma associação óbvia de que para se γινῶναι τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν, meramente ouvir não é o bastante, compreender é imprescindível. Na explicação da parábola há uma graduação na compreensão da τὸν λόγον τῆς βασιλείας (palavra do reino). Primeiramente há os que ἀκούοντος ... καὶ μὴ συνιέντος (ouvem ... e não compreendem, v. 19); depois a palavra é ouvida, recebida, e como não há um aprofundamento no solo, aquilo que “logo nasceu” (v. 5) é “de pouca duração” (v. 21) e depressa morre (v. 6); no terceiro tipo de solo a palavra é ouvida e a semente germina, mas os espinhos que com ela “cresceram e a sufocaram” (v. 7), fazem com que “fique infrutífera” (v. 22); é apenas no último tipo de terreno, onde há abundância de frutificação, que a Bíblia afirma que οὗτός ἐστιν ὁ τὸν λόγον ἀκούων καὶ συνιείς (este é o que ouve a palavra e a compreende, v. 23). Em toda a Parábola do Sementeiro, é apenas nesse verso (v. 23), e exclusivamente a este último tipo de solo, que Jesus usa positivamente o vocábulo συνίημι, e afirma clara e objetivamente a respeito daquele que ouve e realmente compreende a palavra do Reino. Para Cristo não bastava ler nas Escrituras a respeito do Messias e do Seu Reino, como os fariseus, essênios e zelotes continuamente faziam. Não era suficiente, também, ver os feitos miraculosos e ouvir as Palavras do Reino de Deus, como testemunharam a grande multidão e os discípulos de João Batista. Era insuficiente ter vivido com Jesus a cada dia durante 30 anos, como a Sua mãe e a Sua família vivenciaram. Para Cristo o ler (ἀναγινώσκω), o ver (βλέπω e ὁράω) e o ouvir (ἀκούω) deveriam levar à compreensão, ao discernimento (συνίημι) e ao conhecimento (γινώσκω) dos mistérios do Reino dos Céus, como revelados por Ele.

A compreensão sobre os mistérios do Reino de Deus passa, na Parábola do Semeador, pela compreensão da missão do Reino, descrita pela atitude do semeador, como observaremos a seguir.

A MISSÃO DO REINO

Dentro do tema da missão, a frase ἰδοὺ ἐξῆλθεν ὁ σπείρων τοῦ σπείρειν (“Eis que o semeador saiu a semear,” Mt 13:3) é bastante reveladora. Ela é iniciada com a partícula demonstrativa ἰδοῦ, usada no intuito de chamar a atenção para a importância daquilo que se vai dizer, podendo ser traduzida por “veja!”, “olhe!”, “contemple!”⁸⁸ Essa é a única vez em todo o capítulo 13 em que a partícula é utilizada, demonstrando assim o valor daquilo que Jesus está prestes a pronunciar. O restante da frase revela quem é o agente da missão, qual é o tempo da missão e qual é a atividade da missão.

O sujeito da frase e o protagonista da parábola é ὁ σπείρων⁸⁹ (o semeador). É verdade que tanto na narrativa quanto na explicação da parábola, todo o enredo e enfoque é a respeito dos solos e sua receptividade. Nada disso seria possível, contudo, sem a primeira frase ἰδοὺ ἐξῆλθεν ὁ σπείρων τοῦ σπείρειν. Além do que, o próprio Jesus no v. 18 dá nome à parábola, chamando-a de τὴν παραβολὴν τοῦ σπείραντος (“a parábola do semeador”). É ele quem sai a semear, quem vê a semente ser rejeitada, sufocada ou germinar e produzir muito fruto.

A Parábola do Semeador não identifica explicitamente a identidade do semeador. O contexto amplo do Evangelho de Mateus, contudo, que tem como objetivo mostrar que Jesus é o Messias, fazendo dEle o protagonista do livro, bem como o contexto imediato, que revela o tema da ampla incompreensão acerca de Jesus como o Cristo e de Sua missão messiânica, fazendo-O protagonista dessa seção, tor-

⁸⁸ Thayer, 297.

⁸⁹ σπείρων é o particípio presente ativo nominativo singular de σπείρω que acompanhado de artigo ὁ demonstra que este particípio está na sua função nominal substantiva. Como σπείρων está no caso nominativo pode-se inferir que este vocábulo realmente é o sujeito da oração. Abílio Alves Perfeito, *Gramática de Grego* (Lisboa: Porto Editora, 1997), 152.

nam possível a estreita comparação do semeador com Jesus.⁹⁰ Como o próprio Cristo afirma: ὁ σπείρων ... ἐστὶν ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου (o semeador ... é o Filho do Homem, v. 37)⁹¹ e E. G. White corrobora: “Assim saiu também Cristo, o Semeador celeste, a semear.”⁹² Jesus Cristo, por conseguinte, é o protagonista da parábola e o modelo do verdadeiro semeador, do verdadeiro proclamador “da palavra do reino.”

Na sentença em estudo dois verbos indicam o “quando” da missão: ἐξῆλθεν e σπείρειν. O verbo ἐξῆλθεν demonstra o início e a iniciativa, enquanto que σπείρειν indica continuidade. Desde que ἐξῆλθεν está no 2º aoristo do indicativo ativo⁹³ de ἐξέρχομαι, que acompanhado do infinitivo significa sair a fim de fazer algo,⁹⁴ pode-se dizer que o semeador já saiu, e de forma completa. Visto que para Mateus o Reino de Deus “é chegado,”⁹⁵ a pregação “da palavra do

⁹⁰ M. L. Bailey, “The Parable of the Sower and the Soils,” *Bibliotheca Sacra* 155, no. 618 (1998): 179, afirma que “a imagem de Deus como semeador e o povo como diferentes tipos de solos era muito bem conhecida nos círculos judaicos (cf. 2 Esdras 4:26-32).” Hans-Josef Klauck, *Allegorie und Allegorese in Synoptischen Gleichnistexten* (Münster: Aschendorff, 1978), 92-96 concorda e amplia esse conceito.

⁹¹ Apesar de serem parábolas diferentes, a Parábola do Semeador e do Trigo e do Joio estão inseridas em um mesmo contexto, estão inter-relacionadas e juntamente com as outras parábolas do capítulo 13, revelam aspectos cruciais acerca dos mistérios do Reino de Deus. Por isso, poderia ser afirmado que o semeador de uma parábola seria o mesmo da outra. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* 2vols., vol. 2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985), 50; Chouinard, Matthew 13:18; D. Carro, J. T. Poe e R. O. Zorzoli ed., *Comentario Bíblico Mundo Hispano: Mateo*, 23 vols., Comentario Bíblico Mundo Hispano, vol. 14 (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 1993-c1997), 187, 189; Henry, Matthew 13:1; Blomberg, *Matthew*, 222; Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, 379.

⁹² White, *Parábolas de Jesus*, 36.

⁹³ O aoristo refere-se à própria ação do verbo como um todo, de maneira pontiliar, toda a ação condensada em um momento, completa e acabada. O aoristo do indicativo pode exprimir, na maioria das vezes, uma ação ocorrida no passado. A voz ativa demonstra que o sujeito da oração realiza a ação expressa pelo verbo. Rega e Bergmann, 30, 137-139.

⁹⁴ Thayer, 223.

⁹⁵ Dentro do discurso das parábolas do Reino, as parábolas do joio e das redes focalizam explicitamente no Reino de Deus vindouro e final, (1) através de expressões

reino” já se iniciara. A missão do reino não está no futuro, é algo que já se iniciou, de maneira decidida e integral. O Semeador “deixou Seu lar seguro e cheio de paz, deixou a glória que possuía junto ao Pai, antes de o mundo existir, deixou Sua posição no trono do Universo.”⁹⁶

A noção do tempo da missão é complementada pela compreensão da palavra σπείρειν. Na frase em análise (ἰδοὺ ἐξῆλθεν ὁ σπείρων τοῦ σπείρειν) o verbo σπείρειν, que está no presente do infinitivo ativo de σπείρω, vem acompanhado do artigo definido τοῦ, que é a flexão de τό no genitivo/ablativo singular. Quando o infinitivo vem acompanhado de artigo, pode exprimir a idéia do tempo verbal ao qual pertence,⁹⁷ nesse caso o presente. σπείρειν, portanto, tendo em vista tanto o tempo presente quanto o infinitivo, está indicando o aspecto verbal linear, durativo e contínuo, que transcende o tempo e o espaço. Consequentemente, o “quando” da missão é tanto agora, algo que já começou (ἐξῆλθεν), quanto constante e ininterrupto (σπείρειν).

Além de apontar o tempo da missão, σπείρειν indica qual é a tarefa da missão através de duas características da palavra: (1) associação com o artigo τοῦ e (2) a espécie da ação que o próprio verbo expressa por meio do seu significado lexical (*Aktionsart*).

(1) Quando o infinitivo⁹⁸ vem ligado ao artigo definido neutro genitivo singular τοῦ, pode ser usado para modificar o verbo principal

tais como ceifa (v. 39), separação entre maus e justos (v. 49), consumação dos séculos (v. 40, 49), fornalha acesa (v. 42, 50), etc.; e (2) através da utilização do tempo futuro (ex. v. 30 ἐρω, 40-43, etc.). A Parábola do Semeador, no entanto, enfoca o Reino presente, o Reino da Graça que já havia chegado, porque a expressão temporal da narrativa da parábola (v. 3-8) está no pretérito, onde a maioria dos verbos utilizados encontra-se no aoristo ou no imperfeito e alguns no infinitivo. Já na explicação (v. 19-23) há uma grande predominância do tempo presente quer seja no indicativo ou no particípio e em momento algum há a presença do tempo futuro. Kurt Aland, ed. et al., *The Greek New Testament*, (Nördlingen: C. H. Beck, 2002), 46-47; Michael S. Bushell, *Bible Works* 7.0.

⁹⁶ White, *Parábolas de Jesus*, 36.

⁹⁷ Perfeito, 151. Taylor, *Introdução Ao Estudo do Novo Testamento Grego*, 125, 365.

⁹⁸ Jean Carrière, *Sylistique Grecque: L'usage De La Prose Attique*, 3 ed. (Paris: Klincksieck, 1983), 157, afirma que “o infinitivo ou proposição infinitiva com sujeito expresso, assinala a expressão de um *dinamismo*, de uma *vontade*, de um *esforço*, de um *alvo* e também de um *propósito* tido ou de um *pensamento* que se exerce.”

ao indicar o propósito ou resultado da ação.⁹⁹ Desse modo, quando a parábola diz ἐξῆλθεν ὁ σπείρων (“o semeador saiu”), o propósito pelo qual o semeador saiu, o resultado da ação do sair é definido por τοῦ σπείρειν. (2) O significado lexical de σπείρειν (cuja raiz é σπείρω) é semear a semente, semear um campo,¹⁰⁰ deitar ou espalhar sementes para que germinem.¹⁰¹ O propósito e o resultado da ação de sair do semeador é a de simplesmente semear, espalhar a semente com dinamismo, vontade e esforço. A tarefa da missão, o propósito, o alvo do sair é, no contexto da Parábola do Semeador, puramente semear. Ver, ouvir, compreender são atitudes imprescindíveis e que devem ser tomadas pelas pessoas que entraram em contato com a τὸν λόγον τῆς βασιλείας (“palavra do Reino,” v. 19), mas a tarefa do semeador é unicamente semear. Semear continuamente, em qualquer terreno, em qualquer pessoa, em qualquer circunstância, permanentemente, propositalmente,¹⁰² com dinamismo e vontade, dando a todos os solos e pessoas a oportunidade de receber, ouvir, compreender e

⁹⁹ William Sanford Lasor, *Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento*, trad. Rubens Paes, 2ª ed. (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998), 78-79; E. D. W. Burton, *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek* 3ed. (Edinburg: T. & T. Clark, 1898), 157-158; William W. Goodwin, *A Greek Grammar* (Boston: Ginn & Company, 1900), 332; Nigel Turner, *A Grammar of New Testament Greek J. H. Moulton: Syntax*, 3 vols., vol. 3 (Edinburg: T&T Clark, 1998), 141; C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek* (Cambridge: Cambridge University Press, 1990), 128.

¹⁰⁰ H. Liddell, *A Lexicon: Abridged from Liddell and Scott's Greek-English Lexicon* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1996), 739; R. L. Thomas, *New American Standard Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries: Updated Edition* (Anaheim: Foundation Publications, 1998, 1981), G4697.

¹⁰¹ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI Ver. 3.0* (Editora Nova Fronteira and Lexikon Informática).

¹⁰² Há uma discussão sobre a intencionalidade do semeador ao semear, especulando-se a respeito da preparação do solo. A parábola nada fala se ouve ou não um preparo prévio. Esse assunto, não obstante, não teria tanta relevância para a explanação daquilo que a parábola quer enfatizar, dentro do contexto em que se encontra. Várias opiniões sobre essa discussão podem ser obtidas em: Chouinard, Mt 13:3; Davies e Dale C. Allison, 382; Ulrich Luz, *Matthew 8-20: A Commentary*, ed. Helmut Koester, trad. James E. Crouch, Hermeneia, vol. 2 (Minneapolis: Fortress Press, 2001), 240-241; Leon Morris, *The Gospel According to Matthew*, ed. D. A. Carson, *The Pillar New Testament Commentary* (Grand Rapids, MI W.B. Eerdmans, 1992), 336; Hagner, *Word Biblical Commentary: Matthew 1-13*, 368.

conhecer a palavra e os mistérios do Reino do Céu, e então, frutificar. A atitude do semeador é decidida e confiante (v. 4-7; 19-22), pois apesar da realidade de que muitos rejeitam a palavra, ele sabe que “enfim” (v. 8) a semente sempre encontra boa terra, germina e frutifica em abundância (v. 8). O reino de Deus se realiza no cumprimento da missão do semeador. Por isso ἰδοὺ ἐξῆλθεν ὁ σπείρων τοῦ σπείρειν.

“Eis que saiu o semeador a semear.” Mat. 13:3. No oriente tão incertas eram as circunstâncias, e as violências tão grande perigo ocasionavam, que o povo morava principalmente em cidades muradas, e os lavradores saíam diariamente para o trabalho. Assim saiu também Cristo, o Semeador celeste, a semear. Deixou Seu lar seguro e cheio de paz, deixou a glória que possuía junto ao Pai, antes de o mundo existir, deixou Sua posição no trono do Universo. Saiu como homem sofredor e tentado; saiu em solidão para semear em lágrimas e para regar com o próprio sangue a semente da vida para um mundo perdido. Igualmente, Seus servos precisam sair para semear.¹⁰³

De acordo com a Parábola do Semeador o modelo de semeador é Jesus, o tempo da missão é agora e sempre e a tarefa da missão é espalhar as sementes da palavra com afinco, a fim de que germinem e dêem fruto.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa pretendeu-se considerar a Parábola do Semeador desde a perspectiva do Evangelho de Mateus, que tem por objetivo provar que Jesus é o Cristo, e que tem como arcabouço a mensagem do Reino de Deus, presente e futuro, centralizado no Cristo Rei, conforme o que fora previamente revelado pelo AT. Tendo, ainda, como pano de fundo a narrativa dos capítulos 11:2 a 12:50, que aborda o tema a respeito da incompreensão do Reino, a Parábola do Semeador trata de dois assuntos principais: a necessidade de se compreender a palavra e os mistérios do Reino e a missão de espalhar a palavra do reino.

Tendo em vista, também, que Mateus 13 é um discurso que tem

¹⁰³ White, *Parábolas de Jesus*, 36.

A PARÁBOLA DO SEMEADOR NO EVANGELHO DE MATEUS

como finalidade revelar os mistérios do Reino dos Céus, a Parábola do Semeador colabora com a intenção do Evangelho de Mateus ao mostrar que (1) apesar de todos ouvirem a respeito do Reino de Deus, a compreensão dos mistérios do Reino é um requisito básico para aqueles que realmente querem fazer parte desse Reino. (2) É através do cumprimento da missão do Semeador Rei que o Reino presente se efetiva, dando assim a certeza de que o Reino futuro se concretizará.